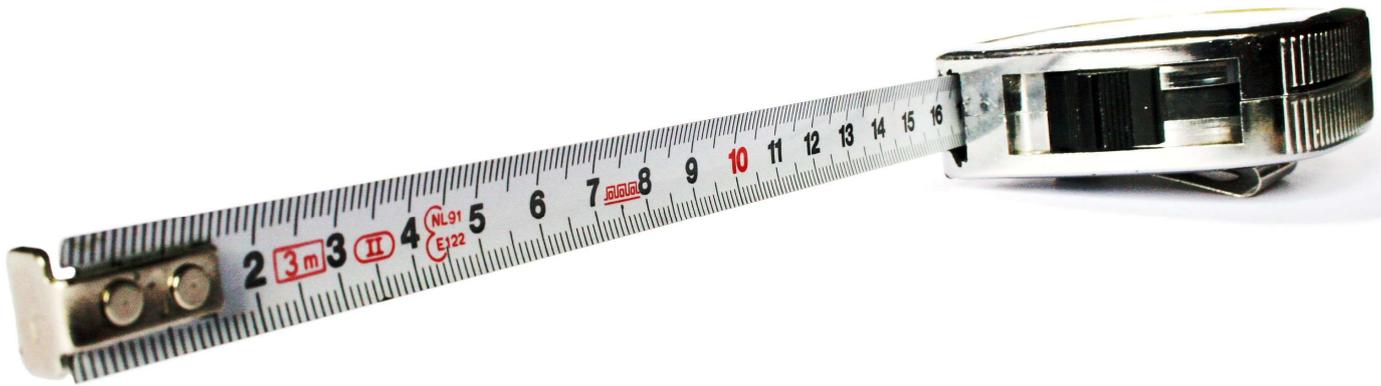


A ERA DA BRICOLAGEM?



Vivemos uma era de bricolagem em todas as áreas da sociedade e para quem não é familiarizado com o termo, vale lembrar que advém da palavra francesa *bricolage* e é aplicado para atividades que você mesmo realiza, para seu próprio uso ou consumo, não necessitando e abrindo mão dos serviços de um profissional habilitado.

Nos Estados Unidos, na década de 50, a mão de obra passou por um aumento de custo, dando surgimento ao movimento "*Do it yourself*", também conhecido pela sigla DIY ou em bom português "Faça você mesmo!". Um incentivo à criatividade e intuição, bem como em experimentações na busca por soluções para algumas necessidades do dia-a-dia.

A ciência também considerou o conceito, como "uma reflexão a cerca dos métodos, metodologias e procedimentos de pesquisa estabelecidos, de forma a persuadir o pesquisador a experimentar formas diferentes de fazer pesquisa".

O termo foi inicialmente citado por Lévi-Strauss (1970), definido-o como "um meio de expressão de um conhecimento primitivo". Outras citações mais contemporâneas avançaram nesta contextualização, indicando a importância da interdisciplinariedade dos fenômenos sociais, fazendo com que não se permita mais deixar de considerar tal complexidade e conectividade na sociedade.

Contudo, o uso do termo "Faça você mesmo!" no nosso dia-a-dia vêm ganhando outra dimensão.

Antes aplicado apenas às pequenas produções para uso próprio e domiciliar, agora vêm invadindo as mais variadas áreas que possuem um vasto conhecimento, desconsiderado completamente pela facilitação do uso de ferramentas tecnológicas e simplificação de processos.

Hoje, basta um smartphone, um computador, um violão e vemos a internet inundada de "grandes músicos" com suas produções, tratadas como experimentações espontâneas de cultura coletiva e ganhando espaço na grande mídia. A música produzida por profissionais, que se dedicam incansavelmente em seus estudos e conhecimentos é engolida pela pobreza desta "arte instantânea".



Um smartphone na mão também não faz de ninguém um fotógrafo, mas mesmo uma máquina de última geração faz de alguém um fotógrafo? Possivelmente não, pois são muitos os aspectos que diferenciam uma imagem de apenas mais um registro ou uma fotografia!

As redes sociais estão, cada vez mais, cheias de "jornalistas", "sociólogos" e "antropólogos", opinando de política à culinária. Realmente é difícil resistir à possibilidade de escrever e opinar sobre algo e atingir um grande público sem o devido cuidado de não ser parcial. Será que a formação profissional de hoje está tão deteriorada, fazendo crer que podemos ocupar qualquer espaço profissional?

Vemos "aviões" não tripulados, sendo pilotados como brinquedos para as mais diversas aplicações. Há algum tempo atrás, para o grande público, cartografia vinha escrito apenas num caderno para desenho infantil. Hoje, está popularizada pelo Google Maps e GPS veiculares, mas com um uso vulgarizado em áreas sensíveis da sociedade como os projetos e grandes obras pelo país.



É possível acreditar que qualquer um, na direção do "Faça você mesmo!", possa realizar ou produzir profissionalmente produtos e serviços de qualidade em áreas sensíveis para a sociedade?

Vivenciamos um desequilíbrio entre a ciência e a sua aplicação ou validade, onde escolas e universidades não conseguem transferir para a sociedade a importância do conhecimento adquirido ao longo da história, de forma a se evitar as simplificações e o autodidatismo como melhor caminho de aprendizado.

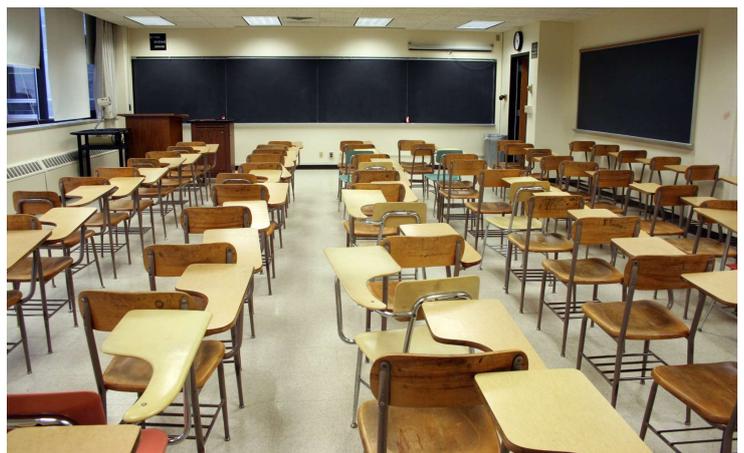




E vale considerar também que a figura do professor, ao longo do tempo desvalorizada e mal qualificada, não seja mais a inspiração para que hajam profissionais em todas as áreas, devidamente qualificados e preocupados com uma produção de qualidade, com estética e relevância.

Se a teoria por si só não resolve todos os nossos problemas, a prática sozinha precariza e reduz a evolução do conhecimento e da própria humanidade. Na sociedade do "Faça você mesmo!", o conhecimento parece dar lugar a uma criatividade superficial, que traz a falsa sensação de evolução a partir de uma participação coletiva, mas que pode produzir uma quantidade de serviços e produtos de qualidade duvidosa, trazendo consigo o risco de involução da sociedade.

Se a participação coletiva através do "Faça você mesmo!" parece ser um caminho sem volta, vale considerar a importância do aprender, do hábito de estudar e se aprofundar nos conhecimentos e na ciência do que se deseja fazer.



**E se o domínio do conhecimento desejado não está ao seu alcance, procure alguém que se dedicou para tal.
Experimente um profissional habilitado!**

Márcio Miguel Tavares, PMP
Engenheiro Cartógrafo, Me.
CREA Nº 29.544/D-PR

